

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

DEIZI SIKORA

A ARTE COMO RESISTÊNCIA DOS MARGINALIZADOS: A PRESENÇA DA  
UMBANDA NAS PRODUÇÕES DA FUNKEIRA MC THA

CURITIBA

2022

DEIZI SIKORA

A ARTE COMO RESISTÊNCIA DOS MARGINALIZADOS: A PRESENÇA DA  
UMBANDA NAS PRODUÇÕES DA FUNKEIRA MC THA

Artigo apresentado como requisito parcial à  
conclusão de curso de Publicidade e Propaganda  
do Setor de Artes, Comunicação e Design da  
Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Dr. Hertz Wendell

CURITIBA

2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

**ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO  
PUBLICIDADE E PROPAGANDA**

**Modalidade: ( x ) Artigo ( ) Projeto Experimental**

**DISCENTE(S):** Deizi Sikora

**TÍTULO:** A ARTE COMO RESISTÊNCIA DOS MARGINALIZADOS: A  
PRESENÇA DA UMBANDA NAS PRODUÇÕES DA FUNKEIRA MC  
THA

**DATA E HORÁRIO DA DEFESA:** DIA 10/05/2022, às 10h30

**BANCA EXAMINADORA**

PROFESSORES	ASSINATURA	NOTA
HERTEZ WENDEL DE CAMARGO		100
ANA CAROLINE BASSI PADILHA		100
DIEGO SANTOS DO CANTO		100
SIONELLY LEITE DA SILVA LUCENA		100
	<b>MÉDIA</b>	100

Curitiba, 10 de MAIO de 2022.

**Profa. Carla C. Rizzotto**  
Chefia de Departamento

# **A Arte Como Resistência dos Marginalizados: a Presença da Umbanda nas Produções da Funkeira Mc Tha**

Deizi Sikora

## **RESUMO:**

Como a arte, por meio de expressões religiosas, tem o poder de colocar holofotes a crenças e culturas estigmatizadas em nossa sociedade? Ao decorrer deste artigo, por meio de referencial bibliográfico, análise fílmica e observação de letras de canções, verificamos como a funkeira MC Tha conseguiu romper com diversos rótulos e preconceitos impostos na sociedade, música, religião e consumo, trazendo a representação da Umbanda em suas produções.

**Palavras-chave:** Umbanda; Funk; Videoclipe; Pop; Consumo; Audiovisual;

## **ABSTRACT:**

How does art, through religious expressions, have the power to put a spotlight on stigmatized beliefs and cultures in our society? In the course of this article, through bibliographic reference, film analysis and observation of song lyrics, we verified how the brazilian funk singer MC Tha managed to break through various labels and prejudices imposed on society, music, religion and consumption, bringing the representation of Umbanda in her productions.

**Keywords:** Umbanda; Funk; Video clip; Pop; Consumption; Audio-visual;

## **INTRODUÇÃO**

Há diversas características culturais que são utilizadas como referências de identificação daqueles nascidos e criados no Brasil, como o samba, o futebol, o carisma da população e o carnaval. Mas, há uma que, apesar de não ser tão popular quanto as

listadas anteriormente, foi e ainda é fundamental na construção da cultura brasileira: a religião.

Segundo uma pesquisa realizada pelo Datafolha em 2020, ao menos 89% da população diz ser pertencente a uma vertente religiosa. Com tantos dados expressivos, não ter a influência da religião em outras frentes da sociedade é praticamente improvável. Ela está presente no consumo, na política, no lazer, na comunidade e, até mesmo na vida daqueles que não a praticam (como quando há feriados e festividades religiosas).

Ainda, na pesquisa realizada pela instituição verificou-se também que dos 89% dos religiosos, 50% se declaram católicos, 31% evangélicos, 3% espíritas, 2% praticantes de religiões afro-brasileiras, 2% outras e 0,03% judaicos. Todavia, vale salientar aqui que conforme destacado por Lobo e Dravet (2016) em seu artigo *Sagrado profano: a umbanda e o mercado religioso*, muitos dirigentes de templos que praticam rituais afro-brasileiros discordam desses dados oficiais levantados. No caso do estudo feito pelos autores, a discordância é com o censo feito pelo IBGE em 2010, mas, o dado para aqueles que se identificavam como seguidores de religiões que possuem matrizes africanas se manteve similar ao que foi revelado pelo Datafolha: 0,2% Umbanda, 0,09% Candomblé e 0,01% ligados a outras religiões com influência africana, totalizando 3%. Entre as justificativas trazidas pelos sacerdotes nas entrevistas sobre a questão da descrença nas estatísticas, está o fato de que seus templos têm recebido cada vez mais adeptos aos rituais praticados com o passar dos anos. Além disso, apesar do crescimento de fiéis nas casas<sup>1</sup>, ainda há muito preconceito com religiões de matrizes negras e indígenas, fazendo com que muitos de seus seguidores tenham receio de se declarar pertencentes.

Destaque-se aqui os dados e opiniões acerca das religiões de matriz africana porque neste presente artigo vamos analisar “Renascente”, uma trilogia audiovisual de músicas do álbum Rito de Passá da cantora MC Tha<sup>2</sup>. Para tal, se faz necessário a compreensão do cenário religioso brasileiro, em especial, a realidade das religiões afro-brasileiras e ameríndias, salientando principalmente a Umbanda, religião que tem suas simbologias abordadas nas produções da funkeira. Objetiva-se encontrar a conexão entre a religião, o funk, o pop e o consumo, de modo a demonstrar como objeto de estudo escolhido é uma peça publicitária de resistência há diversos preconceitos enraizados na sociedade brasileira.

---

<sup>1</sup> Nomenclatura utilizada por praticantes de religiões de matrizes africanas para se referir aos terreiros e templos em que praticam seus rituais.

<sup>2</sup> Videoclipe “Renascente” produzido por MC Tha, Vitor Nunes, Rodrigo de Carvalho e Pedrowl, com participação de Jaloo na interpretação está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dIUYCCrp2GY>

Para auxiliar no estudo, as metodologias de revisão bibliográfica e análise fílmica serão utilizadas em conjunto da observação das letras das canções, de modo que se possibilite embasar a pesquisa em um referencial teórico sólido e se observe metodologicamente a produção audiovisual. Busca-se fazer tal estudo pelo fato de o videoclipe ser uma peça publicitária que promove o cantor, a produtora, a gravadora e a música que inspirou sua produção. Além disso, a escolha da música da cantora se dá por ser uma mulher, negra, funkeira e umbandista, trazendo visibilidade com suas canções a diversas vozes que são silenciadas na sociedade. E, por fim, a autora deste artigo também é pertencente à Umbanda, tendo uma motivação pessoal para verificar como as simbologias de suas crenças são abordadas na cultura pop.

## **1. UMBANDA: RELIGIÃO BRASILEIRA**

Fundada em 15 de novembro de 1908, a Umbanda teve seu nascimento por meio de uma sessão realizada num centro espírita. Fontes históricas revelam que o fato se deu quando ocorreram manifestações de espíritos característicos da religião durante o ritual espírita, trazendo a mensagem de que uma nova casa atenderia os mais humildes, tratando-os com igualdade. Também, que ensinamentos que seriam passados a seus adeptos viriam daqueles que foram marginalizados durante toda sua vida terrena: os índios e negros ex-escravos. Ainda, a religião se fundamentou no sincretismo do catolicismo, matrizes religiosas africanas, espiritismo e rituais indígenas para orientar como seriam os cultos praticados em seus terreiros.

É notável que desde sua origem, a religião vem com uma forte característica que é dar voz a aqueles que não eram ouvidos. Atualmente, além dos espíritos de índios, nomeados como caboclos nos rituais, e os de negros ex-escravos mais velhos, conhecidos popularmente com preto velhos, como apresentado em sua história fundadora, a Umbanda também conta com a manifestação de tropeiros, ciganos, marinheiros, exus e pombas-gira, erês<sup>3</sup>, dentre outros. Percebe-se em seu âmago a necessidade de promover todas as vivências como experiências que possuem algo importante a ser ensinado independentemente da cor, origem, credo, cultura ou idade de quem pertence aquela narrativa.

Em pouco mais de 100 anos de história, segundo dados apresentados pelo IBGE, a religião já contava com 407 mil praticantes em 2010. Ainda que esse número não demonstre toda a realidade (LOBO; DRAVET, 2016), é um dado bastante

---

<sup>3</sup> Nome dado a espíritos de crianças que se manifestam em rituais religiosos que possuem matriz africana.

expressivo. Pois, diferente das demais religiões que foram sincretizadas para sua origem, a Umbanda é uma manifestação religiosa 100% nacional e relativamente nova.

## 2. O FUNK DOS MARGINALIZADOS

No século XX, a voz dos morros e comunidades periféricas eram embaladas ao som de pandeiro e cavaquinho como forma de expressão cultural. Hoje, 100 anos depois, o ritmo mudou para uma batida mais eletrônica, com letras mais explícitas e reuniões maiores em locais públicos. Todavia, apesar da melodia ser outra, a mesma narrativa de opressão e marginalização se mantém. Bailes funks tem suas imagens frequentemente associada ao tráfico de drogas e consumo de bebidas alcoólicas por menores, assim como o samba era associado a vagabundagem e violência em sua origem também.

Se por um lado o preconceito cultural com as diversas expressões artísticas nascidas entre os mais pobres é reforçado ano após ano por aqueles que estão em posição de maior poder aquisitivo, por outro, ter essas vozes silenciadas ganhando local de destaque é fundamental para trazer visibilidade a essas comunidades. Pois, é entendendo a importância que cada processo cultural tem na formação da brasilidade que se começa a derrubar os preconceitos enrustidos em nossa sociedade.

Nota-se que tanto no samba quanto no funk, apesar de épocas diferentes de nascimento, a marginalização sofrida está fundamentada no racismo estrutural de nosso país. Afinal, não é somente a música produzida pelos menos favorecidos que incomoda, mas, sim, o fato de serem além de pobres, são pretos e periféricos também. Ao se verificar o percentual étnico-racial do país onde, segundo o IBGE, mais da metade dos brasileiros é preto, pardo ou indígena (IBGE, 2019), tais concepções chegam até parecer contraditórias, pois, trata-se de um povo renega a si próprio e sua própria cultura.

Uma possível explicação para tal fato é que, apesar o país ser majoritariamente preto, pardo ou indígena, aqueles que possuem maior poder aquisitivo e compõe a elite brasileira são brancos, devido a colonização e escravidão realizadas no passado que mancham de sangue nossa história. E, apesar de esforços em promover uma imagem de um país igualitário em produções culturais como a de Gilberto Freyre (1933)<sup>4</sup>, é nítido que suma maioria daquilo que se origina nas classes econômicas mais baixas têm o

---

<sup>4</sup> Durante a Era Vargas, deu-se início a um grande projeto que buscava enaltecer a imagem do Brasil como um país mestiço e igualitário. Obras literárias como a “Casa Grande & Senzala” de Gilberto Freyre foram publicadas de modo a promover simbologias brasileiras como feijoada, capoeira e samba (RODRIGUES e MENEZES, 2018).

desprezo das mais altas, sendo colocadas à margem da sociedade e, até mesmo, sofrendo criminalizações indevidas.

É o caso do projeto de lei que visava criminalizar o funk na capital São Paulo em 2017. O estilo musical, que é característico por reunir milhares de pessoas nas principais ruas da Zona Norte da cidade, com carros de som para realizar os conhecidos “pancadão”, chegou a se tornar uma pauta no Senado para ter sua realização criminalizada. Os eventos, que já sofriam frequentemente repressão policial violenta, quase tornaram-se ilegais com a justificativa de que eram locais para uso de drogas, apologia ao sexo precoce e práticas criminosas. Como cita o artigo do autor Pedro Thomaz para a PROA – Revista de Antropologia e Arte (2017), o ritmo aparentemente mais incomodava políticos de partidos centro-direita e apoiadores conservacionistas, do que efetivamente os vizinhos das festas realizadas na periferia. Afinal, em nenhum momento se considerou se ocorria também o uso de drogas, as falas sobre sexo e violência em outros locais da cidade que tocavam estilos musicais diferentes com públicos de outras classes.

O projeto de lei fez com que Senado convocasse cantores como Bochecha e Valesca Popozuda, além de seu autor, o web designer Marcelo Alonso, para audiências públicas. Em entrevista ao portal de notícias G1 (2017), personalidades emblemáticas do gênero musical, como MC Koringa criticaram a proposta, alegando que não se deve condenar todo um estilo musical por conta de uma vertente, no caso em discussão, o conhecido “proibidão” que trazia letras explícitas relacionadas a violência e o crime. Ainda, que por mais “pesadas” que as letras fossem, retratavam a realidade encontrada nas ruas, segundo o cantor.

### **3. QUEM É MC THA**

Thais Dayane da Silva tem 28 anos e é moradora da cidade de Tiradentes, periferia de São Paulo. Iniciou sua carreira no funk paulista quando tinha apenas 15 anos. Apesar de gostar do estilo musical, MC Tha – nome artístico que a cantora escolheu – comentou sempre ter dificuldade de se encaixar nas letras e danças características do ritmo, conforme revelado em entrevista à revista Kobá (2021). Ouviu diversas vezes que possuía uma voz muito suave e que precisava aprender a dançar conforme as músicas popularmente difundidas dentro do gênero musical. Vale destacar aqui que, há uma presença feminina considerável nos bailes e fluxos de funk, porém, quando se trata daqueles que estão à frente dos microfones, é o público masculino que se faz majoritário. É como se estivesse nas entrelinhas do ritmo o papel da mulher se

limitar a apenas realizar os movimentos corporais sensualizados. Algo percebido, inclusive, em estudos sobre outras vertentes específicas dentro do gênero musical.

Ao analisar o “passinho”, um estilo de dança característico dentro do funk, onde o maior foco está nos diferentes movimentos rápidos sincronizados feitos com as pernas e braços dos dançarinos (ainda há a presença dos rebolados – expressão corporal conhecida do funk – só que em menor quantidade), os autores do artigo *“Celebriedades do Passinho: mídia, visibilidade e reconhecimento dos jovens da periferia”* destacam a baixa representatividade feminina nos objetos observados:

“O passinho ainda é majoritariamente estrelado por meninos, ainda que o estilo evoque rebolados, movimentos e uma sensualidade tipicamente femininos. Nas batalhas registradas no documentário, as meninas também estão praticamente ausentes das competições.” (PEREIRA; MAIA; AZEVEDO, 2014, p. 220)

Logo, percebe-se que a pressão sentida pela cantora MC Tha ao iniciar sua carreira não se resume a uma esfera individual, e, sim, uma problemática presente dentro do meio. Aqui não apenas o meio do funk, mas o universo musical em geral. Ainda, que nos estilos funk, sertanejo, samba, dentre outros, a discrepância entre a representatividade masculina e feminina seja mais nítida ao analisarmos a história, gêneros como o pop, que de senso comum são conhecidas pelas divas<sup>5</sup>, também tem o sucesso atrelado a hiper sexualização da mulher (MOZDZENSKI, 2015).

Retornando a história de Thais Dayane da Silva e MC Tha, outras proporções ocorreram quando o caminho foi cruzado com o de Thais de Iansã<sup>6</sup>. Após dar uma pausa na carreira musical devido suas inseguranças, Thais decidiu visitar um terreiro de Umbanda, que frequentou apenas para assistir os rituais por pelo menos 6 meses. Posteriormente a esse período, a cantora revelou em entrevista que decidiu assumir o compromisso com a religião e levar a cura a aqueles que buscavam, no templo ao qual era participante.

Além de a história com a religião dar um novo sentido à vida de Thais, o encontro com a ancestralidade promovida pela Umbanda fez com que a cantora visse sua carreira musical com outros olhos, sem precisar se encaixar em nenhum rótulo. MC Tha, então, criou seu novo álbum “Rito de Passá” (lançado em 2019) inspirado nesse momento de transição que teve em sua vida. Nas músicas, não só carregou a liberdade que sentia

---

<sup>5</sup> Cantoras de sucesso do gênero musical são popularmente conhecidas como “divas do pop”.

<sup>6</sup> Dentro dos terreiros, os médiuns são popularmente identificados pelo primeiro nome acompanhado do orixá que rege a sua coroa.

para cantar o que quisesse, como também trouxe a Thais de Iansã por meio de simbologias inseridas nas melodias e videoclipes. A cantora contou a Kobá (2021) que foi fundamental esse momento de elucidação com sua religião para que ela tomasse um novo rumo em sua carreira no funk.

Thais conseguiu expressar por meio do álbum não só a voz da periferia de Tiradentes tentando mostrar sua música, ela trouxe a mulher negra ganhando destaque cantando funk sobre uma religião que foi marginalizada desde o seu nascimento. Ela conectou as batidas dos atabaques<sup>7</sup> de terreiro com as do funk na comunidade, cantando sobre aquilo que acreditava e difundiu amplamente a religião ao qual havia se encontrado. Fez isso de maneira inovadora no ritmo, quebrando estigmas enraizados.

#### **4. POP, CONSUMO E RELIGIÃO**

Como Thiago Soares afirma no capítulo *“Percurso para estudos sobre música pop”* do livro *Cultura Pop* (2015) ao qual escreveu, o pop tem o poder de articular redes de sociabilidades. Ele é popular, busca e gera conexão, pertencimento, experiências e sensações que os integrantes de uma comunidade compartilham. Apesar de sua origem estar atrelada ao capitalismo, já que a expressão cultural nasceu da reprodução acentuada de elementos que as massas pudessem consumir, hoje suas representações midiáticas tem, inclusive, ideias e resistência contra esse próprio sistema. As mensagens passadas no audiovisual, no rádio, na melodia, na trama, no enredo, na letra e nos elementos estão em todos os lugares para que possamos consumir, diretamente ou indiretamente.

O que seriam as religiões, então, se não uma maneira de se comunicar com massas estimulando o consumo de ideologias e hábitos específicos? Quando essas crenças vêm à frente de grandes veículos midiáticos, fica ainda mais claro como o pop também é religião. Hoje temos religiões nas novelas, filmes, séries, programas de rádio, espetáculos de auditórios, plataformas de músicas, redes sociais, etc. Como relatado no início deste estudo, a religião está presente fortemente na cultura da sociedade brasileira, afinal, está representada em grande parte das expressões artísticas, culturais e sociais feitas para e pelo povo brasileiro.

Nos tempos passados, a religião se fazia tão importante nas sociedades que possuía poder de decisões políticas feitas a população, como é o caso das monarquias. No Brasil, desde a constituição federal de 1989, o estado é laico e, portanto, nenhuma

---

<sup>7</sup> Instrumento de percussão utilizado nos terreiros em rituais de Umbanda e Candomblé. São responsáveis por dar ritmo musical e energético espiritual aos pontos cantados pelos participantes.

tem arbitragem em ações de políticas públicas. A partir deste instante, é declarado intrinsecamente que a religião assume um papel mais individual do que social, pois, sua preferência fica a critério do indivíduo, que escolhe a crença que deseja consumir. Com este cenário, as religiões que têm no âmago de seus rituais praticados o recrutamento de adeptos a crenças, começaram a utilizar cada vez mais os canais midiáticos disponíveis. Um processo que podemos chamar de espetacularização da fé, pois seus líderes precisaram aprimorar seus discursos e deixar os rituais atrativos, tornando-a crença até uma possível opção de entretenimento conforme o canal escolhido pelo fiel. Esse movimento foi percebido principalmente pelas religiões cristãs, onde os neopentecostais foram pioneiros no país, seguido pelos católicos e assim por diante (LOBO; DRAVET, 2016).

As religiões que não possuíram tal desenvoltura para acompanhar o processo de “cultura pop religiosa”, seja por não acreditarem na conversão buscada de fiéis ou pela falta de articulação comunicacional interna, acabaram ficando marginalizadas nos meios midiáticos (MARTINO, 2015). Quando se trata de religiões que já sofrem marginalização por outros vieses, a falta de representatividade é ainda mais expressiva, como é o caso das religiões afro-brasileiras, em especial a Umbanda, nosso objeto de estudo analisado neste artigo. A religião não possui a crença de procurar e converter adeptos aos seus rituais, ao contrário, se posiciona como uma “casa de cura” que está de portas abertas para receber aqueles que necessitam (LOBO; DRAVET, 2016). Isso demonstra que há anos as narrativas pop religiosas que as grandes massas têm consumido são majoritariamente cristãs. Aliando este fato ao de estigmas com outras religiões de matrizes africanas enraizadas na sociedade brasileira, as percepções preconceituosas com os adeptos aumentam ainda mais, seja de modo ativo ou reprodutivo. O que, como vimos anteriormente, faz com que seus praticantes possuam medo de se autodeclarar umbandistas (LOBO; DRAVET, 2016).

## **5. VIDEOCLIFE É POP**

Em meados da década de 80, foi a primeira vez que a academia consolidou os videoclipes como um “produto cultural de consumo massivo, analisando a representatividade gênero desempenhada nas produções” (MOZDZENSKI, 2015, p. 76). São peças que trazem performances criadas para apresentar (e divulgar) a sociedade o que aquela melodia e letra busca dizer para além dos versos e notas musicais escolhidas. Afinal, essa produção cultural tem o poder de demonstrar de maneira globalizada e transnacional a mensagem que se quer passar, pois, por mais que não se entenda o ritmo, letra ou idioma, a expressão corporal e ações dentro da

produção tem o poder de inserir o telespectador dentro dos cenários desejados, conduzindo-o através do *storytelling* e provocando emoções por meio da imagem e som. Essa produção cultural se tornou, inclusive, um lazer pop para as pessoas, sendo consumido como entretenimento e ganhando programas dedicados na televisão como o Disk MTV<sup>8</sup> (SOARES, 2015, p. 22).

Aprofundamos aqui o entendimento dessa produção midiática, pois, é por meio dela que analisaremos as representatividades e mensagens que o objeto de estudo escolhido neste artigo passa a sociedade. Essas peças, apesar de possuírem múltiplas interpretações, para trazer sua transnacionalidade e ainda assim se conectar com o telespectador, se carregam de simbologias e arquétipos conhecidos das narrativas sociais. Além disso, são produções que trazem retratos sociais para seus discursos de modo a criticar, reforçar, promover e poetizar, seja fielmente a realidade ou caracterizando-a. Um processo muitas vezes que conduz o público a uma experiência de iconofagia<sup>9</sup> e hibridização da sociedade e cultura ao qual vivencia diariamente. Compreender esses intermédios por onde essas produções culturais se expressam é fundamental para que possamos identificá-las em “Renascente”.

## **6. RENASCENTE: PRODUÇÃO ARTÍSTICA DE RESISTÊNCIA**

Antes de analisar propriamente o objeto, destaca-se aqui a primeira faixa que compõe o álbum *Rito de Passá* que, com apenas 23 segundos, foi capaz de já referenciar e representar o ponto<sup>10</sup> popularmente tocado nos terreiros de Umbanda. Ambas letras tem por objetivo realizar um ritual de abertura, no terreiro, para os trabalhos espirituais que serão realizados, na canção de MC Tha, a condução para a imersão em suas músicas. Tal qual como a cantora fez e os terreiros também o realizam, citamos as letras de modo a iniciar nossa análise científica, deixando aberto os caminhos dessa discussão epistemológica presente nas narrativas da cantora.

### ***Abram os Caminhos***

*Na fé de Zambi*

*E de Oxalá*

---

<sup>8</sup> Programa dedicado ao público jovem onde a emissora MTV Brasil reproduzia os videoclipes mais pedidos pelos telespectadores (SOUZA, 2019).

<sup>9</sup> “[...] trajeto midiático em que as imagens vão devorando a si mesmas a ponto de se tornarem produtoras inflacionárias de imagens que nunca satisfazem a sua própria sede de consumação de imagens.” (DRAVET, 2017, pag. 13).

<sup>10</sup> Nome dado às músicas religiosas cantadas nos rituais de Umbanda, popularmente utilizado por seus adeptos.

*Pedimos Licença  
Pros trabalhos começá  
Abram os caminhos (3x)  
Abram-se os caminhos*

*(MC Tha, 2019).*

### ***Eu abro a nossa gira***

*Eu abro a nossa gira  
Com Deus e Nossa Senhora  
Eu abro a nossa gira  
Sambolê pemba de angola  
Eu abro a nossa gira  
Com Deus e Nossa Senhora  
Eu abro a nossa gira  
Sambolê pemba de angola  
Gira, gira, gira  
Dos caboclos*

*Sem sua gira eu não posso  
trabalhar  
Nasci assim  
Na fé de Ogum meu pai  
Sem gira eu não posso trabalhar  
Eu abro a nossa gira  
Sem gira eu não posso trabalhar  
  
(Ponto de Umbanda, autor  
desconhecido).*

A produção audiovisual “Renascente” foi publicada no canal da cantora MC Tha na plataforma do Youtube em 07 de janeiro de 2021. Trata-se de uma representação performática de três músicas selecionadas de seu álbum *Rito de Passá*, de modo a criar uma narrativa conduzida entre as canções. Iremos verificar cada uma separadamente, de modo a analisar representações e mensagens imergidas na produção.

## **6.1 ONDA**

A primeira música que inicia Renascente é “Onda”. Trata-se de uma melodia animada e contagiante, que como o próprio nome sugere, é uma onda eufórica aos ouvidos e emoções. Na letra, nota-se por meio dos versos o relato de uma relação amorosa em seu início, onde como a própria canção diz “hoje foi tão gostoso, nós dois brincando a tarde inteira” (MC Tha, 2021). Entende-se nas entrelinhas da poesia cantada que se trata de um amor recente, pois segundo o verso “amor quero eternizar, esses dois corpos a se conhecer” (MC Tha, 2021). Ou seja, a onda da paixão que contém dois indivíduos que estão se conhecendo, começando a se envolver, construindo propriamente seu amor.

Para retratar no vídeo clipe tamanha emoção que carrega sua melodia, MC Tha deixa sua interpretação ter a influência de Thaís de Iansã. A trama audiovisual inicia-se em uma cachoeira, onde MC Tha, vestindo elementos amarelos e dourados fazendo alusão a orixá Oxum, segura a mão de um ator portado de vestes verdes e com marcas de pele de animais pelo corpo, referenciando o orixá Oxóssi (HARGRAVES, 2018). Ainda, nesta primeira cena, ambos os personagens estão cercados de velas amarelas e com frutas em alguidares características da mãe dos rios (Oxum), remetendo sobre como são feitos os ritos de oferendas pelos umbandistas aos seus orixás (UMBANDA LUZ E CONHECIMENTO, 2013).

**Figura 1** – Interpretação de Oxum e Oxóssi na beira do rio.



**Fonte:** “Renascente” de MC Tha no Youtube, 2021.

O cenário se mantém durante todo o enredo entre as águas de Oxum e as matas de Oxóssi, os dois grandes elementos pelos quais os orixás são conhecidos. Já a narrativa embalada pela canção, conta como esses dois personagens se conheceram e se apaixonaram, referenciando as diversas histórias de origem africana contadas nos terreiros quando os dois orixás ficam juntos (CONTOS DE MITOLOGIA, 2017). Nessa representação, Oxóssi caminhava pelas matas, quando viu Oxum se admirando em seu espelho na beira do rio, contemplando a si mesma – algo que nos remete, inclusive, ao mito grego de Narciso – ao perceber a movimentação de alguém, Oxum sai correndo deixando seu espelho cair, o que Oxóssi viria a encontrar e entregar junto de seu coração depois. O “primeiro ato do espetáculo” termina quando, conforme diz a letra “teu corpo é mar, e o meu, rio ao te encontrar” (MC Tha, 2021), Oxum “deságua” no oceano, em alusão a um amor profundo. Entretanto, Oxóssi não consegue acompanhar,

ficando para trás na beira da praia. É o marco onde a relação se rompe. Acompanha-se toda essa narrativa por meio de primeiros, segundos e terceiros planos, onde a fotografia que começa vivida vai perdendo sua cor com o desenrolar da história.

Oxum é nossa orixá de arquétipo amante, que expressa seu amor como ninguém, seja por si mesma ao se admirar, seja por alguém que cruzou seu caminho e lhe chamou a atenção. Já Oxóssi, é o arquétipo de herói que “salva” nossa personagem devolvendo-lhe um item perdido. Para além disso, é corajoso, demonstra seus sentimentos e luta pela correspondência de seu amor. É comum vermos ambos arquétipos nas histórias de clichês românticos, ou seja, a produção audiovisual dialoga com o repertório de quem o assiste para se conectar e facilitar o consumo.

## **6.2 OCEANO**

Ao iniciar a performance da canção Oceano, um novo cenário fílmico é abordado: um quarto escuro cheio de vasos que guardam uma espécie de “chuva” que cai sobre a personagem (MC Tha). Ela agora está sozinha e portando uma vestimenta branca, onde o adorno sobre a sua cabeça com flores brancas e um espelho chamam a atenção. Se voltarmos nossa análise para a conexão com sua religião, Iemanjá, assim como Oxum, também é representada com um espelho na mão. Apesar de ser conhecida como mãe das águas salgadas, o que origina a identificação de seus filhos de santo com o tom azul claro, a coloração de suas flores é popularmente branca, como jasmims e rosas (HARGRAVES, 2018).

A personagem segue sendo representada por MC Tha, que agora traz em seus versos tons uma emoção entristecida “enquanto mais eu me envolvo, mais namoro a solidão” (MC Tha, 2021). Tais representações sonoras e visuais nos levam a relacionar que sua “onda” de paixão não foi correspondida e, agora, está a viver um “oceano” de tristeza que tem se formado por suas lágrimas. A fotografia do videoclipe está mais fria e escurecida, ao contrário da primeira música onde era mais vívida.

Ainda, apesar do processo de luto pela morte de seu relacionamento, é importante nos atentar a representação de seu adorno sobre sua cabeça e a simbologia que a parte do corpo tem na religião. Na Umbanda, seus fundamentos falam muito sobre a relação do orixá com a cabeça do umbandista. Parte disso está relacionada ao chakra principal, que seus devotos acreditam estar no topo da cabeça das pessoas, onde ocorre os fluxos energéticos espirituais mais importantes. Também, o fato da coroa (nome popular utilizado na religião para chamar a região corporal) dos adeptos a religião “pertencerem” a um orixá, o que o categoriza como filho daquele santo (ou orixá). Segundo os ensinamentos, é a parte de comunicação com o mundo espiritual dominante que os

umbandistas têm, portanto, possuem cuidados especiais como evitar que desconhecidos toquem o topo da cabeça, realizar banhos com ervas do pescoço para baixo e buscar acender velas acima de sua altura (RAINHO, 2016).

No cristianismo, a Virgem Maria, Nossa Senhora das Graças, Santa Bárbara e dentre outras figuras importantes da religião também possuem uma coroa com formato similar ao do objeto usado pela personagem. O que nos reforça que a conexão com a espiritualidade por meio da cabeça é algo que vai além dos fundamentos umbandistas. Ou seja, quando vemos a personagem com tal adorno, podemos relacionar que, apesar do sofrimento, sua fé nos orixás está lhe dando suporte, assim como outros religiosos acreditam também receber de suas crenças.

**Figura 2** - Personagem em quarto escuro com vasos à sua frente.



**Fonte:** “Renascente” de MC Tha no Youtube, 2021.

Este primeiro cenário intercala com um onde a personagem está deitada em uma cama se admirando no espelho de mão, no que parece ser o mesmo quarto ao qual estava no chão em sua “chuva de lágrimas”. Com o passar da trama, o cenário é envolvido por cenas no mar também, onde desta vez MC Tha está boiando sobre um colchão, parecido com aquele do quarto. Seu espelho de mão que usava para se admirar agora está quebrado, como se o que visse em seu reflexo fosse a si mesma partida em vários pedaços, assim como seu coração.

**Figura 4** - Personagem boiando no colchão em alto mar enquanto se admira em seu espelho quebrado.



**Fonte:** “Renascente” de MC Tha no Youtube, 2021.

Entretanto, em uma espécie de ritual com o mar, a personagem vai se reerguendo de sua tristeza, voltando inclusive para terra firme em uma poça de água salgada entre rochedos à beira mar. Sua última cena é se olhando no espelho com rosas do adorno que estava em sua cabeça enquanto segurava nas mãos. Ela vê a si inteira novamente no espelho de lemanjá, recuperando-se por meio de um oceano de sua fé. A representação fotográfica faz jus ao momento ficando cada vez mais vívida novamente. Tal cena dialoga diretamente com um cântico característico da Umbanda que poderia traduzir em palavras de maneira poética o *storytelling* utilizado na narrativa.

### ***Pedido na areia***

[...]

*Eu escrevi um pedido na areia*

*Pedindo a Zambi pra me socorrer*

*Eu escrevi um pedido na areia*

*Mas foi mãe d'água quem veio me valer (2x)*

*E foi nas ondas do mar*

*Que entreguei os meus problemas e aprendi a confiar*

*Que todo mal não dura para sempre*

*E que a paz é uma semente que precisa semear*

*E no horizonte do mar tão infinito*

*lemanjá me acolheu e meu deu um mundo tão mais bonito*

*Eu abri meu coração, ela me estendeu a mão  
E entreguei meu caminhar a Iemanjá*

*(Ponto de Umbanda, autor desconhecido).*

Iemanjá na Umbanda é o orixá possui o arquétipo da Grande Mãe, zeladora incontestável de seus filhos. Assim como no arquétipo a figura tem por função representar o amor imensurável de uma mãe, a profundidade da relação e o cuidado materno característico. Na religião, a orixá também é colocada como “mãe de todos”, que ensina, acalma, acolhe, ama e protege. A grande mãe, por sua vez, é velha conhecida de nossa sociedade, está na família, na cultura, no trabalho e, até mesmo, um pouco na gente.

### **6.3 DESPEDIDA**

O terceiro e último ato começa com a personagem em frente a espelhos novamente, em uma penteadeira, com diferentes reflexos lavando suas mãos e portando vestes vermelhas. Sua expressão é de “determinação” e como a própria letra sugere “vou me despedir de você, de tudo o que a gente podíamos ser” (MC Tha, 2021), nossa protagonista agora está certa de que esse relacionamento chegou ao fim e seu sofrimento também. Vemos esse sentimento também por meio dos enquadramentos na personagem serem feitos em suma maioria em primeiro e segundo plano, ou seja, o foco volta a ser ela. E, nos lembrando o mito grego Narciso, ela volta a se admirar e se auto contemplar, como fazia no primeiro vídeo da trama antes de sofrer sua interrupção.

**Figura 5** - Protagonista se admirando em frente ao espelho cantando.



**Fonte:** “Renascente” de MC Tha no Youtube, 2021.

Novos cenários são abordados para performar a música à medida que a narrativa audiovisual avança. Novamente a artista dialoga com o consumo e a cultura num rompante iconofágico, onde nos versos “eu quis ser sua namorada, eu quis, eu quis te levar pra casa” a performance é por meio da referência do quadro “As Duas Fridas” de Frida Khalo. O quadro foi pintado pela artista mexicana quando havia se divorciado do maior amor e tormento de sua vida, Diego Rivera<sup>11</sup>. A pintora virou um símbolo de empoderamento feminino frente a cenários conservadores devido às suas obras criadas. Tornou-se pop, estampado objetos, sendo “repintada” em muros e até mesmo ganhando filme<sup>12</sup>. Com MC Tha, foi referenciada, de modo a conversar com os versos de sua música que traziam um amor não correspondido.

---

<sup>11</sup> A análise das simbologias trazidas por Frida Khalo em sua obra pode ser conferida na íntegra em: <https://www.culturagenial.com/quadro-as-duas-fridas-frida-kahlo/>

<sup>12</sup> O filme “Frida” que conta a história da cantora mexicana pode ser visto em: <https://www.netflix.com/it-en/title/60024997>

**Figura 5** - MC Tha referência ao quadro “As Duas Fridas” da artista mexicana Frida Khalo.



**Fonte:** “Renascente” de MC Tha no Youtube, 2021.

Na Umbanda, a mulher empoderada que teve seu coração partido é representada pela entidade pomba-gira. Muito estigmatizada pela sociedade fora dos terreiros por ser uma mulher forte, que fala o que ser e não se prende a julgamentos, sua imagem é constantemente associada à de uma prostituta (DRAVET, 2013). Assim como a obra de Frida Khalo, a pomba-gira é uma mulher companheira de si mesma, levantando-se sozinha das rasteiras dadas por homens e se posicionando contra uma comunidade conservadora. No vídeo clipe, notamos sua referência por meio da cena iconofágica do quadro mexicano e pelo cenário posterior da personagem com trajes vermelhos, cor simbólica popularmente utilizada pela entidade em terreiros.

Ainda, destaca-se mais uma vez a representação que os umbandistas têm com o topo de sua cabeça (parte com o chacra central responsável pela conexão com o orixá). Na cena referencial ao quadro de Frida Khalo, nota-se que o penteado na cabeça das personagens possui formato similar ao de uma coroa, ou seja, a religião segue presente na narrativa ao qual a performance do videoclipe conta. É o pop mais uma vez reproduzindo a religião, música e arte para grandes massas.

A trama segue demonstrando o quanto a personagem tem superado o sentimento e focado no seu crescimento, tal qual como sugere o verso “enquanto minha estrela decola, meu coração aterriza” (MC Tha, 2021). Novamente, portando vestes vermelhas, o que podemos relacionar com o reforço da entidade pomba-gira durante sua interpretação.

Ao decorrer da produção, percebe-se um reforço de sua fé quando a letra diz “Eu quero ficar pra sempre, com Lampião e Maria Bonita” (MC Tha, 2021) e a personagem está na penteadeira rezando com as imagens ao lado. Além do casal de cangaceiros terem feito história no nordeste do país, na Umbanda há entidades que se apresentam nos rituais dentro das casas com os mesmos nomes<sup>13</sup>. Isso porque, devido ao viés social do cangaço, marcado principalmente pela luta de seus participantes, os espíritos dessa falange podem auxiliar com seus aprendizados aqueles que vêm aos terreiros desmotivados.

Demonstrando o sincretismo que sua religião tem e se conectando com o público, nos versos “rezo pra virgem Maria, que o fim não tenha chegado aqui” (MC Tha, 2021), a cantora também traz figuras simbólicas da religião cristã, majoritária no Brasil. Outros objetos religiosos como o rosário e o terço também aparecem na produção junto da realização do sinal da cruz pela personagem. Algo que podemos interpretar como a conexão que MC Tha faz entre o significado das “Marias”<sup>14</sup> e a proteção rogada ao divino. Na música, ela quer estar com Maria Bonita e Lampião, ou seja, seguindo com seus passos com as forças da linha. E, quando há o uso do terço, a reza e o sinal da cruz, a proteção no divino, que ao olhar Cristão, cuida de cada passo nosso. Portanto, as duas Marias, emblemáticas em suas histórias, lhe ampara, protege e guia.

Como uma maneira de referenciar até mesmo a cultura pop, MC Tha traz na mesma faixa “e bota a culpa no signo, tudo por culpa do signo” em refrão. Este verso conversa com falas populares em que pessoas que seguem fielmente a pseudociência da astrologia, têm o costume de culpar seus signos por suas ações. Uma maneira sarcástica de lembrar ao ouvinte o livre arbítrio que todos possuímos. Destaco aqui uma possível ponte de pesquisa de como nossas crenças, religiosas ou não, tem afetado nossas relações sociais.

A produção audiovisual encerra com uma cena em que MC Tha corta seus cabelos longos, como se estivesse se libertando desse sentimento, dos estigmas, de tudo que a tem prendido. Se observarmos tal ato de um olhar mais religioso, a ação de cortar os cabelos no Candomblé, mais precisamente, raspar a cabeça durante o conhecido como “iniciação”, também significa a transição do médium para uma nova etapa espiritual (SILVA, 2021). Da mesma forma que a personagem, agora com seus cabelos curtos, está serena, com a certeza de que encerrou seu capítulo. Ao fundo, os

---

<sup>13</sup> Conteúdo que explica de maneira mais completa a relação da Umbanda com o cangaço está disponível em: <https://senaladeumbanda.blogspot.com/2012/10/cangaceiros.html>

<sup>14</sup> Maria é um nome de origem incerta que pode ter derivação hebraica, mais especificamente, vinda de “Myriam”, que significa “senhora soberana” ou a “vidente”. E, também, do sânscrito “Maryáh” que diz a “pureza”, “a virtude” ou a “virgindade”. (DICIONÁRIO DOS NOMES PRÓPRIOS, 2022).

versos referentes a Lampião e Maria Bonita reforçam o quanto a personagem se entregou à sua fé para se libertar.

Destaca-se nessa finalização o elemento água, o que aparenta ser, junto de nossa protagonista, o fio condutor da narrativa. Presente na paixão, que flui rápida como um rio (Onda). No sofrimento profundo, tal qual como o mar com sua imensidão que parece não ter fim (Oceano). E o ato de lavar as mãos de nossa personagem, demonstrando que se trata de uma página virada e ela quer apenas se limpar daquilo (Despedida). Dá mesma forma que a água sofre diversas transformações em seu ciclo, ela também traça a linearidade de transição das histórias.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nota-se que ao longo da análise fílmica e de discurso de nosso objeto, diversas imagens iconofágicas e simbólicas foram retratadas, seja na letra, no som ou vídeo. Uma verdadeira produção pop, repleta de significados e interpretações que têm a capacidade de prender o telespectador do início ao fim na trama.

Podemos considerar MC Tha como uma precursora de vídeo clipes de funk com expressões artísticas e discursos subentendidos, de modo a conversar com diferentes públicos em nossa sociedade. Ela estimula, por meio de suas representações culturais e religiosas, reflexões críticas sobre as relações sociais ao qual vivenciamos diariamente. Algo que foge dos tradicionais rebolados e passinhos que o estilo musical tem.

Portanto, a arte, ainda que pop e produto publicitário, é uma via de resistência. Ela dá palco a aqueles que estão à margem, dialoga com diferentes frentes sociais, servindo não só como lazer e entretenimento, mas, espaço de reflexão e crítica a estigmas presentes na atualidade. É inovadora e deveria estar sempre presente no cotidiano para que, independente de credo, classe, cor, gênero e etnia, estimule o consumo crítico e social.

## REFERÊNCIAS

ALESSI, Gil. **Do samba ao funk, o Brasil que reprime manifestações culturais de origem negra e periférica.** El País, 07 de dez. de 2021. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/sociedade/2019-12-07/do-samba-ao-funk-o-brasil-que-reprime-manifestacoes-culturais-de-origem-negra-e-periferica.html>> Acesso em 19 de dez. de 2021.

ARTISTS, Various. **Perdido na areia.** Youtube, 31. de mai. de 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LE43Bb3xXGw>> Acesso em 14 de abr. de 2022.

BARROS, Rahabe. **10 programas icônicos que marcaram os anos 2000 da MTV Brasil.** Purebreak, 01 de out. de 2021. Disponível em: <<https://www.purebreak.com.br/noticias/mtv-brasil-10-programas-que-marcaram-os-anos-2000/101046>> Acesso em 21 de abr. de 2022.

BBC. **Projeto de lei de criminalização do funk repete história do samba, da capoeira e do rap.** G1, 29 de jul. de 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/musica/noticia/projeto-de-lei-de-criminalizacao-do-funk-repete-historia-do-samba-da-capoeira-e-do-rap.ghtml>> Acesso em 15 de abr. de 2022.

BRENO, Victor. **Brasilidades religiosas: notas da cultura religiosa nacional.** Revista Senso, 14 de nov. de 2019. Disponível em: <<https://revistasenso.com.br/senso-religioso/brasilidades-religiosas-notas-da-cultura-religiosa-nacional/>> Acesso em 19 de dez. de 2021.

CARVALHO, Juliana; BAIRRÃO, José. **Fios da Razão: tradição e pluralidade na umbanda em Pontal.** Ribeirão Preto/SP. Interação em Psicologia, vol. 21, n. 02, 2017.

CRIATIVA, Cultura e Economia. **5 curiosidades sobre a religião Umbanda.** Governo do Estado de São Paulo, 15 de nov. de 2021. Disponível em: <<https://www.cultura.sp.gov.br/5-curiosidades-sobre-a-religiao-umbanda/>> Acesso em 20 de dez. de 2021.

CONHECIMENTO, Umbanda Luz e. **Louças e artigos em geral.** Umbanda Luz e Conhecimento, 23 de mar. de 2013. Disponível em: <<http://umbandaluzeconhecimento.blogspot.com/2013/03/loucas-em-geral.html>> Acesso em 22 de mai. de 2022.

DRAVET, Florence. **A Formação das Imagens do Feminino na Cosmologia da Umbanda e sua Manifestação no Imaginário Brasileiro.** Salvador/BA: XXII Encontro Anual da Compós, Universidade Federal da Bahia, 04 a 07 de jun. de 2013.

DRAVET, Florence. **Corpo, Linguagem e Real: o sopro de Exu Bará e seu lugar na comunicação.** Florianópolis/SC: Ilha do Desterro, v. 68, nº 3, p. 015-025, set-dez, 2015.

DRAVET, Florence. **Mitologia Afro-brasileira e Imaginário Antropófago: Exu, o andrógino canibal.** São Paulo/SP: XXVI Encontro Anual da Compós, Faculdade Cásper Líbero, 06 a 09 de jun. de 2017.

DRAVET, Florence; CASTRO, Gustavo. **O imaginário do mal no cinema brasileiro: as figuras abjetas da sociedade e seu modo de circulação.** Brasília/GO: Revista da

Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-compós, v.17, n.1, jan-abr, 2014.

DRAVET, Florence; LOBO, Italo. **Sagrado profano: a umbanda e o mercado religioso**. Revista Esferas, Ano 5, nº 8, jan-jun, 2016.

DRAVET, Florence; OLIVEIRA, Leandro. **Novas imagens da Pombagira na cultura pop: símbolos, mitos e estereótipos em circulação**. São Paulo/SP: Comun. Mídia Consumo, V. 12, n. 35, p. 49-70, set-dez, 2015.

DRAVET, Florence. **O Imaginário entre Corpo e Linguagem: problematização do fenômeno da incorporação no Brasil**. Goiânia/GO: XXV Encontro Anual da Compós, Universidade Federal de Goiás, 7 a 10 de jun. de 2016.

DRAVET, Florence. **O Imaginário ou Comunicação entre Corpo e Linguagem: problematização do fenômeno da incorporação no Brasil**. Caxias do Sul/RS: Conexão – Comunicação e Cultura, UCS – v. 15, n. 30, p. 287-306, jul-dez, 2016.

FESCINA, Daniela. **O que é a Pombagira?**. Super Interessante, 15 de abr. de 2021. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-e-a-pombagira/>> Acesso em 22 de abr. de 2022.

**FRIDA**. Direção: Julie Taymor. Produção de Salma Hayek e Roberto Sneider. Estados Unidos: Miramax Films, 2003. 120 min.

FUCKS, Rebeca. **Quadro As Duas Fridas de Frida Kahlo (e seu significado)**. Genial Cultura, 13 de nov. de 2016. Disponível em: <<https://www.culturagenial.com/quadro-as-duas-fridas-frida-kahlo/>> Acesso em 20 de abr. de 2022.

G1. **50% dos brasileiros são católicos, 31%, evangélicos e 10% não têm religião, diz Datafolha**. 13 de jan. de 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-sao-catolicos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.ghtml>> Acesso em 19 de dez. de 2021.

HARGRAVES, Patricia. **Os orixás mais populares do Brasil**. Super Interessante, 03 de abr. de 2018. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/sociedade/os-orixas-mais-populares-do-brasil/>> Acesso em 22 de abr. de 2022.

HOLZBACH, Ariane; SANTOS, Melina; EVANGELISTA, Simone; OLIVEIRA, Thaianne. **Heavy Metal X Funk: disputas de gênero na cultura pop a partir do canal Mamilos Molengas**. In: SÁ, Simone P. CARREIRO, Rodrigo. FERRARAZ, Rogério. Cultura Pop. Salvador: EDUFBA. Brasília: Compós, 2015. 296 p. 131-149.

IBGE. **Cor ou Raça**. IBGE Educa, 2022. Disponível em: <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html#:~:text=De%20acordo%20com%20dados%20da,1%25%20como%20amarelos%20ou%20ind%C3%ADgenas>> Acesso em 15 de abr. de 2022.

JUVENAL, Baiano. **“Cuidados com a Coroa”: o que médiuns veteranos ou em desenvolvimento devem ou deveriam saber a respeito?**. Baiano Juvenal, 01 de fev. de 2015. Disponível em: <<http://baianojuvenal.blogspot.com/2015/02/cuidados-com-coroa-o-que-mediuns.html>> Acesso em 20 de dez. de 2021.

JANSEN, Roberta. **Do samba ao funk: a voz dos excluídos**. Carta Capital, 27 de fev. de 2017. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/do-samba-ao-funk-a-voz-dos-excluidos/>> Acesso em 18 de dez. de 2021.

KOBÁ. **Gênero e Terreiro: Um pouco de açúcar, dendê e pimenta**. Kobá, edição 05, MAR/ABR 2021. Disponível em: <<https://kobamagazine.wixsite.com/home/meses-antiores>> Acesso em 20 de dez. de 2021.

LEMONS, Nina. **Frida Kahlo é pop, vende produtos, mas esquecem que ela tinha deficiência**. Universa UOL, 04 de nov. de 2019. Disponível em: <<https://ninalemos.blogosfera.uol.com.br/2019/11/04/frida-kahlo-e-pop-vende-produtos-mas-esquecem-que-ela-tinha-deficiencia/#:~:text=A%20artista%20pl%C3%A1stica%20Frida%20Kahlo,A%20artista%20mexicana%20virou%20produto>> Acesso em 22 de mai. de 2022.

MARTINO, Luís. **Like a prayer: articulações da cultura pop na midiatização da religião**. In: SÁ, Simone P. CARREIRO, Rodrigo. FERRARAZ, Rogério. Cultura Pop. Salvador: EDUFBA. Brasília: Compós, 2015. 296 p. 57-72.

MITOLOGIA, Contos de. **Mito Africano: Oxóssi se apaixona por Oxum e surge Logun Edé**. Contos de Mitologia, 28 de set. de 2017. Disponível em: <<https://contosdemitologia.wordpress.com/2017/09/28/mito-africano-oxossi-se-apaixona-por-oxum-e-surge-logun-ede/>> Acesso em 20 de dez. de 2022.

MOZDZENSKI, Leonardo. **Feministas X Stupid Girls: a construção midiática da identidade feminina na cultura pop**. In: SÁ, Simone P. CARREIRO, Rodrigo. FERRARAZ, Rogério. Cultura Pop. Salvador: EDUFBA. Brasília: Compós, 2015. 296 p. 73-92.

ORTEGA, Rodrigo. **'Baile de favela': entenda história do funk de MC João que embalou a prata de Rebeca Andrade**. G1, 29 de jul. de 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2021/07/29/baile-de-favela-conheca-a-historia-da-musica-que-embalou-a-prata-de-rebeca-andrade.ghtml>> Acesso em 15 de abr. de 2022

PEDRO, Thomaz. **É o fluxo: “baile de favela” e funk em São Paulo**. Campinas/SP: PROA - Revista de Antropologia e Arte, n.7, v.2, p. 115 – 135, jul-dez, 2017.

PEREIRA, Cláudia; MAIA, Aline; AZEVEDO, Marcella. **Celebridades do Passinho: mídia, visibilidade e reconhecimento dos jovens da periferia**<sup>1</sup>. In: SÁ, Simone P. CARREIRO, Rodrigo. FERRARAZ, Rogério. Cultura Pop. Salvador: EDUFBA. Brasília: Compós, 2015. 296 p. 211-227.

PRÓPRIOS, Dicionário de Nomes. **Maria**. Dicionário de Nomes Próprios, 2022. Disponível em: <<https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/maria/>> Acesso em 22 de mai. de 2022.

PRUDENTE, Eurice. **Dados do IBGE mostram que 54% da população brasileira é negra**. Jornal da USP, 31 de jul. de 2020. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/radio-usp/dados-do-ibge-mostram-que-54-da-populacao-brasileira-e-negra/>> Acesso em 15 de abr. de 2022.

RAINHO, Douglas. **A Coroa Mediúnica: entendendo o desenvolvimento do médium**. Perdido em Pensamentos, 04 de jan. de 2016. Disponível em:

<<https://perdido.co/2016/01/a-coroa-mediunica-entendendo-o-desenvolvimento-do-medium/>> Acesso em 22 de abr. de 2022.

RODRIGUES, Isabela; RONIÈRE, Menezes. FERRAZ, Rogerio. **Cultura negra e sobrevivência: samba, rap, funk e o racismo sintomático**. Belo Horizonte/MG: Aletria, v. 28, n. 4, p. 137-154, 2018.

SÁ, Simone; CARREIRO, Rodrigo. FERRARAZ, Rogério. **Cultura Pop**. Salvador: EDUFBA. Brasília: Compós, 2015. 296 p.

SANTOS, Jucelino; RAMIRES, Vicentina. FERRAZ, Rogerio. **Música, Ideologia e Relações de Poder: a imagem da mulher nas letras de funk**. Revista Ártemis, Vol. XXIII nº 1; pp. 156-167, jan-jun, 2017.

SILVA, Joyce. **Como funciona a iniciação no candomblé?** Super Interessante, 29 de dez. de 2021. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/cultura/como-funciona-a-iniciacao-no-candomble/>> Acesso em 22 de mai. de 2022.

SOARES, Denisson A. **Conheça 7 entidades da Umbanda e entenda melhor essa religião**. Mega Curioso, 04 de set. de 2021. Disponível em: <<https://www.megacurioso.com.br/artes-cultura/119823-conheca-7-entidades-da-umbanda-e-entenda-melhor-a-religiao.htm>> Acesso em 18 de dez. de 2021.

SOARES, Thiago. **Percursos para estudos sobre música pop**. In: SÁ, Simone P. CARREIRO, Rodrigo. FERRARAZ, Rogério. **Cultura Pop**. Salvador: EDUFBA. Brasília: Compós, 2015. 296 p. 19-33.

SOUZA, Leonardo. **O princípio da laicidade na Constituição Federal de 1988**. Justificando, 14 de fev. de 2019. Disponível em: <<https://www.justificando.com/2019/02/14/o-principio-da-laicidade-na-constituicao-federal-de-1988/#:~:text=O%20Estado%20Brasileiro%20%C3%A9%20laico,por%20pousar%20so bre%20a%20liberdade.>>> Acesso em 18 de abr. de 2022.

THA, Mc. **MC Tha - Renascente (Onda, Oceano e Despedida)**. Youtube, set. de 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dIUYCCrp2GY>> Acesso em 18 de dez. de 2021.

THA, Mc. **MC Tha – Abram os Caminhos [faixa 01]**. Youtube, 21. de jun. de 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LE43Bb3xXGw>> Acesso em 18 de dez. de 2021.

UMBANDA, Paraná. **Umbanda - Eu abro a nossa gira**. Youtube, 02. de nov. de 2012. Disponível em: < [https://www.youtube.com/watch?v=pRI\\_IrH7KWA](https://www.youtube.com/watch?v=pRI_IrH7KWA)> Acesso em 14 de abr. de 2022.

UMBANDA, Senzala da. **Cangaceiros**. Senzala da Umbanda, 28 de out. de 2012. Disponível em: <<https://senzaladeumbanda.blogspot.com/2012/10/cangaceiros.html>> Acesso em 22 de mai. de 2022.

VICENTE, Eduardo; SOARES, Rosana. **O global e o local na construção de identidades étnicas e regionais na música popular brasileira: o movimento Hip Hop paulistano**. In: SÁ, Simone P. CARREIRO, Rodrigo. FERRARAZ, Rogério. **Cultura Pop**. Salvador: EDUFBA. Brasília: Compós, 2015. 296 p. 229-245.

WIKIPEDIA. **Umbanda**. Wikipedia, 17 de dez. de 2021. Disponível em:  
<<https://pt.wikipedia.org/wiki/Umbanda#:~:text=sendo%20Umbanda%20popular.-,Z%C3%A9lio%20Fernandino%20e%20o%20an%C3%BAncio%20da%20Umbanda,fam%C3%ADlia%20chamou%20de%20%22ataques%22.>> Acesso em 20 de dez. de 2021.